



**“O QUE AS PESSOAS PENSAM QUANDO DIGO QUE SOU DO ACRE”:
AS REPRESENTAÇÕES DO FACEBOOK “DESACREDITADOS”**

**"WHAT DO PEOPLE THINK WHEN I SAY I'M FROM ACRE":
FACEBOOK'S REPRESENTATIONS "DESACREDITADOS"**

Francielle Maria Modesto Mendes¹
Universidade Federal do Acre – UFAC
Bruna Giovanna da Silva Dantas Vieira²,
Universidade Federal do Acre – UFAC

Resumo

No artigo analisam-se as representações sobre o estado do Acre, produzidas pela página “DesACREditados” no Facebook, criada em dezembro/2014 por Lucas Dutra e Wesley Santos. A pesquisa faz uso da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin e se justifica pela necessidade de entender o porquê deste estado ser retratado como um lugar habitado, em sua maioria, por povos indígenas que convivem com animais selvagens e pré-históricos. O *corpus* é formado por três memes, que fazem parte de um total de 36 coletados na página em estudo, que tem em comum a presença de dinossauros. No caso dos três memes estudados, eles se caracterizam por responderem a uma pergunta: “o que as pessoas pensam quando digo que sou do Acre”. O referencial bibliográfico se baseia em estudos de Raquel Recuero, Stuart Hall, Ana Pizarro, entre outros.

Palavras-chave: Representações; Memes; Amazônia acreana.

Abstract

The article analyzes the representations about the state of Acre produced by the “DesACREditados” Facebook page, created in December/2014 by Lucas Dutra and Wesley Santos. The research makes use of Laurence Bardin's Content Analysis and it needs to understand why this state is portrayed as a place inhabited mostly by indigenous peoples, who live with wild and prehistoric animals. The corpus is made up of three memes, which are part of a total of 36 collected on the page under study that have the presence of dinosaurs in common. In the case of the three memes studied, they are characterized by answering a question: “what do people think when I say that I am from Acre”. The bibliographic reference is based on studies by Raquel Recuero, Stuart Hall, Ana Pizarro, and others.

Keywords: Representation; Memes; Acrean Amazon.

¹ Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo – USP, Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre – UFAC, onde atua como professora Associada no curso de graduação em Jornalismo e na pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade.

² Graduada em Jornalismo na Universidade Federal do Acre – UFAC.



Introdução

Este artigo é um recorte do projeto de iniciação científica intitulado “Representações sobre o Acre: um estudo sobre o Facebook DesACREditados”, que está vinculado ao grupo de pesquisa “Mídias, Imaginário e Representação: uma cartografia das Amazônias (MIRCA)”, cadastrado na Plataforma dos Grupos do CNPq desde 2016. O *corpus* do projeto é formado por 36 memes que contêm o elemento dinossauro (a logomarca da página DesACREditados contém um dinossauro e este animal pré-histórico aparece em muitas publicações feitas pelos autores da página), que foram publicados entre dezembro/2014 a maio/2021, e coletados por membros do MIRCA no ano de 2021.

A metodologia usada é a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin. Todos esses memes foram organizados inicialmente em sete categorias: 1) “seguidores”; 2) “cotidiano”; 3) “ser acreano”³; 4) “personagens famosos”; 5) “pontos turísticos de Rio Branco”; 6) “rivalidade Acre-Rondônia”; 7) “dinossauros nos supermercados”. Posteriormente, com o desenvolvimento da pesquisa ao longo do ano de 2021, as categorias foram reordenadas em seis, por causa da inserção dos memes da categoria “dinossauros nos supermercados” na categoria “cotidiano”.

A página DesACREditados foi criada em dezembro de 2014 pelos acreanos Lucas Dutra e Wesley Santos, e tinha 136.735 seguidores no Facebook, mais de 73 mil no Instagram em 08 de maio de 2021, quando esse levantamento foi feito no início da elaboração do projeto de pesquisa. Em 04 de julho de 2023, com a finalização deste artigo, a página tinha 154 mil seguidores no Facebook e 106 mil seguidores no Instagram. Esses números mostram a influência e o capital social conquistado pela página ao longo dos anos, o que é importante no processo de propagação dos memes e nos sentidos por eles atribuídos: “quanto mais influente for um dado ator maior capilaridade terá o processo de difusão do meme, e quanto mais difundido ele for, maior

³ De acordo com a norma culta da língua portuguesa, a palavra correta é acriano com “i”. Mas essa escrita não é aceita pelos moradores do estado e nem pela Academia de Acreana de Letras. Por isso, após uma consulta pública o governador do estado Tião Viana, em 28 de julho de 2016, sancionou a lei número 3.148 que institui o termo “acreano” com “e” como o gentílico oficial do estado.



será o grau de familiaridade das pessoas com a mensagem que ele ajuda a propagar” (TOTH; MENDES, 2016, p. 216).

Neste artigo, o objetivo é estudar as representações sobre o estado do Acre, produzidas pela página de humor do Facebook “DesACREditados”, a partir de três memes listados na categoria “ser acreano”, que supostamente explicam o que as pessoas pensam quando alguém diz ser do Acre. Seguem os memes:

Figura 1: Meme 1



Figura 2: Meme 2



Figura 3: Meme 3



Fonte: Os memes foram publicados, respectivamente, nos dias 7 de janeiro de 2016 (meme 1), 19 de junho de 2016 (meme 2) e 6 de novembro de 2016 (meme 3) na página do Facebook DesACREditados.

O Acre em memes

Segundo a pesquisadora Raquel Recuero (2007), meme é um conceito cunhado por Richard Dawkins, em seu livro *O Gene Egoísta* (1976). A partir de uma abordagem evolucionista, Dawkins compara a evolução cultural com a evolução genética, onde o meme é o “gene” da cultura, que se perpetua através de seus replicadores – as pessoas. Para a autora (2007), é preciso que o meme influencie o comportamento dos indivíduos para gerar replicação por imitação.

Os autores Henry Jenkins, Joshua Green e Sam Ford (2014), na obra *Cultura da Conexão*, afirmam que a propagação de memes é uma ideia sedutora, porém, interesses são mascarados enquanto as pessoas circulam conteúdos atrativos. É o caso, por exemplo, dos três memes aqui estudados. Eles foram retirados de uma página de humor,



que tem o objetivo de propagar conteúdo (e capitalizar) na internet, com publicações sobre o estado do Acre, sem que sejam feitas problematizações a respeito das representações arraigadas na constituição social deste estado e de suas gentes.

A escolha do estudo desses memes se deu por dois motivos: primeiro, pela necessidade de entender o porquê desta página do Facebook representar o Acre e suas gentes por meio de dinossauros; e, segundo, para entender o porquê do Acre ser representado como lugar habitado majoritariamente por povos indígenas, que convivem frequentemente e de forma harmoniosa com animais selvagens e pré-históricos. A inserção desses povos no meio da floresta, morando em ambiente precário, se alimentando apenas de produtos extraídos da floresta e recebendo informações atrasadas, é parte de uma construção de sentidos que foram se formando ao longo dos séculos sobre a região amazônica brasileira de um modo geral.

“DesACREditados” não é a única página na internet que compartilha memes sobre o Acre. No instagram, por exemplo, há outra página, intitulada “Metas de acreano”⁴, com quase 27 mil seguidores, segundo pesquisa feita em 04 de julho de 2023. Esta página apresenta os mesmos assuntos na sua produção de conteúdo, relacionados ao cotidiano dos acreanos. Esses memes também envolvem animais selvagens e dinossauros, como se observa na imagem a seguir:

Figura 4: Postagem publicada na página do Instagram “Metas de acreano” em 10 de abril de 2020



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B-0XwnUh3c0/>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

⁴ Esta página não será o foco deste artigo, ela foi mencionada apenas para exemplificar que as representações estudadas aqui sobre o estado do Acre se repetem na internet.



É possível encontrar nas duas páginas os memes que respondem a seguinte pergunta: “o que vocês imaginam quando eu digo que sou acreano?”. Tanto no Facebook “DesACREditados” quanto no Instagram “Metas de acreano”, os memes apresentam os mesmos signos representacionais: floresta e animais. Um exemplo a seguir:

Figura 5: Postagem publicada na página do Instagram “Metas de acreano” em 2 de agosto de 2020



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CDZ5sZnB-4H/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

Segundo Janderson Toth e Viktor Mendes, a produção de sentido dos memes “explicita eventuais flutuações em opinião pública a respeito de um dado tema” (2016, p. 213). Dessa forma, os memes carregam consigo representações, estereótipos, comportamentos, percepções da realidade sobre alguém ou algum lugar específico, não se limitando a piadas imagéticas sem maiores consequências, como algumas pessoas podem pensar a princípio sobre conteúdo que gera humor. Por isso, os autores enfatizam que memes não podem ser compreendidos como “conteúdos fluidos e despreziosos, mas como indicadores razoavelmente consistentes acerca da leitura que os internautas fazem de um determinado tema ou personagem” (TOTH; MENDES, 2016, p. 231).



Representações sobre a Amazônia acreana

Os cronistas de viagem e naturalistas⁵ europeus nos séculos XVI, XVII e XVIII narraram a Amazônia – no singular – de forma inalterada, com características exóticas, formada por homogeneidade cultural, portanto, de fácil explicação (NENEVÉ; SAMPAIO, 2015). No dizer de Ana Pizarro (2012), os viajantes/cronistas vão encontrar na região o que o imaginário deles já havia criado, antes mesmo de saírem da Europa.

A partir do pensamento de alguns autores que pesquisam sobre o Acre e a Amazônia brasileira, é possível observar que a construção discursiva sobre esse estado e os demais da região norte é formada em consonância com o pensamento predominantemente europeu, que se registrou de forma escrita ao longo dos séculos. “Os relatos dos primeiros viajantes pela Amazônia se constituíram em matrizes discursivas ainda hoje presentes nas falas a respeito da região e são, portanto, apenas atualizadas de acordo com cada momento histórico” (SEIXAS, 2010, p. 62).

Os discursos construídos sobre a Amazônia singular em diversos momentos históricos apresentam elementos em comum, como os citados no primeiro parágrafo desta seção, que foram assimilados e aperfeiçoados pelos autóctones. No caso do Acre, Giselle Lucena, por exemplo, ressalta que o estado “enfrenta, desde sua origem, processos históricos de disputas e conflitos políticos que produziram representações coletivas e alimentaram um imaginário marcado por estereótipos muito singulares” (LUCENA, 2014, p. 10). Uma das representações estudadas pela autora é a ideia propagada, principalmente por meio da internet, de que o Acre não existe⁶.

Além das construções discursivas sobre a inexistência do Acre, há também a ideia de distanciamento da região amazônica brasileira, por causa do afastamento geográfico dos estados nortistas dos centros econômicos – São Paulo e Rio de Janeiro. Outras questões que são frequentemente associadas à região amazônica e ao Acre são as narrativas fantásticas, a ideia de atraso, e o exotismo da floresta e da população. O

⁵ Exemplos de cronistas e naturalistas que escreveram sobre as Amazônias: Frei Gaspar de Carvajal (1542), Alonso de Rojas (1639), Cristóbal de Acuña (1641), Charles-Marie de la Condamine (1735), Alexander von Humboldt (1799), entre outros.

⁶ Baseada nesta discussão, em 2013, foi lançado o livro *O Acre existe* escrito por Paulo Silva Jr.



exotismo, por exemplo, é a imaginação do diverso como forma alternativa de percepção do mundo, manifestando-se tanto no espaço quanto no tempo, produzindo, portanto, uma percepção imediata e imperfeita do objeto (MURARI, 2009).

De um modo geral, a Amazônia acreana é vista também como um lugar vazio e monótono, mantendo-se a perspectiva dos escritos de Euclides da Cunha, quando esteve na região no início do século XX. Sobre o Acre também se conserva a dicotomia de local que é, ao mesmo tempo, inferno e paraíso, ocupado em sua maioria por indígenas “incivilizados”, como afirmam os autores Miguel Nenevé e Sônia Sampaio: “Uma vez mencionadas as pessoas, elas são de costumes feios, seres sujos, preguiçosos, sem iniciativa, que precisam da presença de um superior” (2015, p. 25).

Gerson Albuquerque (2016) enumera algumas outras expressões que dizem sobre a região amazônica, de um modo geral, e ajudam a compreender o que ele denominou de “amazonialismo⁷”:

Dentre tais expressões/conceitos é possível destacar: vazio, deserto, silêncio, distante, selvagem, sertão, bárbaro, inculto, indolente, sensual, violento, isolado, intrafegável, chuvoso, incivilizado, atrasado, lento, parado, monótono, irreal, fantástico, insalubre, infernal, entre outros, instituídos de modo aparentemente paradoxal aos seus “opostos”: paraíso, maravilhoso, belo, salubre, eldorado, pulmão do mundo, celeiro do Brasil, sustentável.

Dentre essas palavras/conceitos destacamos a noção de ‘vazio’, que se constituiu como um dos mais poderosos mitos de justificativa para toda a sorte de violências físicas e simbólicas no processo de expansão da economia, política, religiosidade, organização social, das artes e línguas europeias para essa parte dos mundos não-europeus. Mundos esses visualizados/tratados como vazios, mas não de mulheres e homens, e sim de humanidades e culturas, de capacidade de pensar e raciocinar, no dizer de Nelson Maldonado-Torres (ALBUQUERQUE, 2016, p. 81).

O meme⁸ a seguir, extraído da Página em estudo, é um exemplo de que a Amazônia/Acre é constantemente relacionada a esses termos – distante, isolado, intrafegável, fantástico etc. – mencionados por Albuquerque (2016). Neste caso, os

⁷ “O Amazonialismo é um conjunto de conhecimentos ou narrativas que inventa, descreve, classifica, cataloga, analisa de forma supostamente objetiva e mesmo científica a “Amazônia”, produzindo-a como um lugar no mundo da expansão dos impérios e do imperialismo” (ALBUQUERQUE, 2016, p.77).

⁸ O meme não é parte do *corpus* deste artigo. É mencionado apenas para exemplificar os termos usados por Albuquerque (2016) para explicar o Amazonialismo.



criadores de conteúdo deste Facebook ironizam o suposto isolamento do estado por meio da BR-364 e apontam como alternativa o deslocamento por meio dos dinossauros voadores.

Figura 6: Postagem publicada na página “DesACREditados” em 30 de novembro de 2018⁹



Fonte: <https://www.facebook.com/desacreditadosoficial/posts/ufamemes-acre-rondonia/1186447228170227/>. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.

Os termos sobre a Amazônia que são destacados pelo autor – vazio, deserto, silêncio, distante, selvagem, sertão, bárbaro, inculto, indolente, sensual, violento, isolado, intrafegável, chuvoso, incivilizado, atrasado, lento, parado, monótono, irreal, fantástico, insalubre, infernal – podem ser percebidos nos memes publicados na página do Facebook “DesACREditados”. Todos esses adjetivos foram definidos pelos estrangeiros, os autóctones não projetaram uma imagem da região, apenas sustentaram as existentes historicamente.

São muitos os campos do conhecimento (literatura, história, jornalismo) que (re)produzem narrativas a respeito do Acre, evidenciando quase sempre o preconceito quanto a essa origem geográfica. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Junior:

⁹ Em 2018, um trecho da BR-364 que liga o Estado de Rondônia ao Acre ficou inundado devido a uma obra de elevação da pista. A estrada não precisou ser interditada, o trânsito ficou apenas mais lento e controlado pela Polícia Rodoviária Federal. Apesar disso, no Acre, os moradores ficaram apreensivos, pois em 2015, com a inundação da mesma estrada, o estado sofreu com desabastecimento de alimentos, remédios, combustíveis e diversos outros produtos de necessidade básica que chegam no estado por meio do transporte rodoviário. Disponível em: <https://www.oriobranco.net/noticia/geral/30-11-2018-agua-cobre-trecho-da-br-364-em-rondonia-e-ameaca-isolar-o-acre-por-terra>. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.



O preconceito quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2012, p.11).

Esse preconceito também é sustentado por representações midiáticas consolidadas historicamente. Segundo Stuart Hall (2016), a prática da representação passou a ocupar lugar no estudo sobre a cultura, sendo essencial no entendimento do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados. “Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (HALL, 2016, p. 31). Hall (2016) destaca em suas ideias que o sentido não é inerente às coisas e ao mundo. “Ele é construído, produzido. É o resultado de uma prática significativa, uma prática que produz sentido, que faz os objetos significarem” (HALL, 2016, p. 46), como no caso dos signos atribuídos aos estados da região amazônica brasileira e aos seus povos.

A “invenção do Acre” se deu da mesma forma, a partir de signos e figuras de linguagem que reafirmam a ideia de que a vida neste estado acontece no tempo passado, de modo estanque, juntos a animais selvagens e pré-históricos, longe dos processos ditos “modernos”¹⁰. Entende-se, a partir disso, que esses memes selecionados para esta pesquisa, apesar do recurso do humor utilizado na página “DesACREditados”, sustentam a formação discursiva de que o Acre está parado no tempo e no espaço em seu processo de formação histórica, social, cultural.

O que as pessoas pensam quando...?

O Facebook “DesACREditados” é uma mídia que propaga diversos significados, entre eles, representações e estereótipos que contribuem para a construção dos

¹⁰ No contexto amazônico acreano, os estrangeiros consideram moderno – e os autóctones absorvem essa ideia – o uso dos meios de comunicação, o desenvolvimento tecnológico e tudo que faz parte da sociedade de consumo da vida urbana em geral.



imaginários sobre o estado do Acre, partindo de conceitos já dados historicamente sobre a localidade. O uso do dinossauro, por exemplo, presente nos três memes que formam o *corpus* deste artigo, remete a ideia de “lugar inexistente, relacionando com a (in)existência da espécie jurássica e, muito embora, haja evidências dos fósseis, a verdadeira natureza dos dinossauros não foi reconhecida” (OLIVEIRA; MOURA; SOUZA, 2019, p. 1442).

Os dinossauros também aparecem em obras cinematográficas sobre a região amazônica, caso do filme *O Mundo Perdido*¹¹, de 1925, que conta sobre uma expedição de exploradores britânicos que vêm à América do Sul para averiguar a teoria de que há diversas espécies de dinossauros ainda vivas (COELHO, 2012). Como dito anteriormente, os três memes analisados neste artigo se caracterizam por serem os únicos coletados que respondem a uma pergunta: “o que as pessoas pensam quando digo que sou do Acre”. No meme 1, publicado em 7 de janeiro de 2016, aparecem dois quadros com a seguinte frase: “Acre – como pensam que é/como é”. Nos quadros, é possível observar a presença de um dinossauro e de dois indígenas andando de carrinho de rolimã, feito de modo adaptado com troncos de madeira.

A presença de indígenas e animais pré-históricos e/ou selvagens é algo recorrente nos memes sobre o Acre na página aqui estudada. Essa ênfase neste perfil populacional confirma o pensamento de Mendes (2013) sobre o processo de “amazonização” da população acreana. Esse processo consiste na aceitação das características que são atribuídas pelos estrangeiros à região, a respeito dos amazônidas, sem que haja rompimento das dicotomias e estereótipos: “Eles [os amazônidas] passam a viver as dicotomias e os atrasos que são atribuídos à região, acrescentando esses elementos às suas constituições identitárias” (MENDES, 2013, p.113).

No Brasil, as pessoas que não habitam a região norte pensam que os moradores de estados como o Acre são predominantemente indígenas e interpretam isso de forma pejorativa, pois frequentemente atribuem características como atraso e ignorância às mais diversas etnias. Os indígenas são vistos como parte da natureza, precisando,

¹¹ Esse filme é uma das primeiras obras ficcionais de repercussão nacional que tem a Amazônia como enredo.



portanto, ser domesticado, ensinado, catalogado (COELHO, 2012). Em diálogo com essas ideias, os próprios moradores do estado reproduzem os mesmos discursos limitadores e estereotipados. Esse conjunto de compreensões a respeito dos amazônidas e de sua região ajuda a entender o conceito de “amazonialismo” (ALBUQUERQUE, 2016).

No meme 2, publicado em 6 de novembro de 2016, retoma-se a ideia de que pensar no Acre é pensar em dinossauro, cobra, onça e indígena¹². O signo Acre é apresentado com sentido fechado, único e previamente definido, sem as nuances e sem as pluralidades sociais e culturais existentes.

Nos três memes aqui estudados, os indígenas são apresentados de forma homogênea, sendo tratados como iguais a animais pré-históricos e selvagens, parte de uma paisagem natural considerada também monótona e horizontal (CUNHA, 1999). Essa construção de sentido invisibiliza as identidades indígenas e segue inferiorizando as mais diversas etnias que contribuíram/contribuem para a formação das Amazônias, sobretudo da parte brasileira acreana.

No meme 3, publicado em 19 de junho de 2016, há a seguinte frase: “o que as pessoas pensam quando digo que sou do Acre”. Para responder a indagação, a imagem mostra indígenas, onça, rádio, dinossauro. Nesse meme, além dos signos indígenas, dinossauro, onça – já popularizados nas representações sobre o Acre – aparece um novo item que é o rádio. O rádio¹³ é um meio de comunicação popular no estado, principalmente, no interior do Acre, onde muitas populações ribeirinhas, extrativistas e indígenas moram em locais afastados de centros urbanos e fazem uso desse recurso para receberem e enviarem informações.

De acordo com o pensamento de Miguel Nenevé e Sônia Sampaio (2015), muitos discursos – caso dos memes ilustrados nesta pesquisa – não se preocupam em tratar sobre a diversidade e a dinâmica das culturas que povoam as Amazônias/Acre.

¹² A atriz estadunidense Skai Jackson que virou meme em 2016 ao publicar uma foto nas redes sociais aparece no meme sobre o Acre com um adorno indígena na cabeça ao lado de animais selvagens que comumente são associados à vida na Amazônia brasileira.

¹³ Em 1944 foi criada a Rádio Difusora Acreana pelo governo territorial durante o período denominado historicamente de segundo ciclo da borracha. O rádio permitiu a comunicação e aproximou os laços entre os moradores em meio à floresta (Santiago; Rocha, 2020).



Por causa disso, os autores destacam a necessidade de pensar a multiculturalidade dessa região e afirmam: “Sim, existem povos indígenas, existem sistemas antigos de povoamentos pré-colombianos, como também existe uma Amazônia multiétnica, multicultural, que passa por uma mudança dinâmica” (NENEVÉ; SAMPAIO, 2015, p. 20).

Considerações Finais

O Facebook “DesACREditados”, por meio da produção de memes, é uma mídia que contribui para a (re)produção de representações sobre o Acre e os acreanos, enfatizando aquilo que já se pensa sobre a Amazônia brasileira desde seu processo de formação. A opção por relacionar este estado com a presença dos dinossauros, por exemplo, só ressalta as imagens e as metáforas já existentes, que marcam os sentidos de vazio, distanciamento, primitivismo, atraso, entre outros signos.

Dos memes estudados, observa-se que os povos indígenas são narrados de modo homogeneizador, são todos dóceis e moldáveis. Todavia, sempre aparecem como povos atrasados e posicionados historicamente no tempo passado. Junto aos indígenas, os animais e a floresta seguem sendo importantes marcas identitárias do que é ser amazônida e morar no Acre.

Os memes da página estudada mantêm o elo entre o exotismo e o retrocesso. O aparecimento nos memes de cobras, onças, peixes, capivara também reforçam essa visão única de que viver nas Amazônias é viver em constante contato com a natureza e que esse morador da região faz parte de uma paisagem natural, e não tem o poder de transformar nem a si mesmo, muito menos a região.

Diante do exposto, percebe-se a necessidade de se descolonizar os saberes, as linguagens e as metáforas únicas que organizam as representações sobre o Acre e sua vasta população. As Amazônias e, por consequência o estado do Acre, são narradas de forma “anacrônica, deslocada do tempo teleológico contínuo ocidental” (COELHO, 2012, p. 76). Por isso, precisa-se “reimaginar de dentro, redizer e desdizer, repensar



definições e conceitos” (NENEVÉ; SAMPAIO, 2015, p. 21) não para romper com tudo já posto, mas para articular outras interpretações a respeito deste lugar.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2012.

ALBUQUERQUE, Gerson. “Amazonialismo”. In: ALBUQUERQUE, Gerson; PACHECO, Agenor Sarraf. *Uwa’kürü Dicionário Analítico*. Rio Branco – Acre, Editora Nepan, 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições70, 2016.

COELHO, David de Barros. *Amazônia animada: a representação da região amazônica no cinema de animação brasileiro*. 2012. 293f. Dissertação (Mestrado em Artes), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Aleph, 2014.

LUCENA, Giselle Xavier D’ávila. *O (Acre) não existe: um estudo sobre identidade, memória e midiatização*. 2014. 151f. Dissertação (Mestrado em Interações Midiáticas), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MENDES, Francielle Maria Modesto; LINHARES, Jéssica Karoline dos Santos. “Acre – Parque dos dinossauros”. In: *X Semana Acadêmica de Comunicação*. Universidade Federal do Acre – UFAC, 15 a 17 de setembro de 2021.

MURARI, Luciana. *Natureza e Cultura no Brasil (1870-1922)*. São Paulo: Alameda, 2009.

NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. “Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a região”. In: ALBUQUERQUE, Gerson; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. *Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização*. Rio Branco: Nepan, 2015.

OLIVEIRA, Anyelle; MOURA, Silvirlene; SOUZA, Siméia. “Estereótipos da identidade acriana em memes sobre o Acre”. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CIFEFIL, ano 25, nº 75. set/dez, 2019.

PIZARRO, Ana. *Amazônia: as vozes do rio*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.



RECUERO, Raquel. “Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia”. *Revista Famecos*, Porto Alegre, nº 32, abril de 2007.

SANTIAGO, Abinoan; ROCHA, Paula. “O começo do radiojornalismo na Amazônia: o mapeamento das primeiras iniciativas nos estados da região Norte”. *Revista Latino-americana de Jornalismo*, João Pessoa, ano 7, vol. 7, nº 1, Jan/Jun, 2020.

SEIXAS, Netília. “Produção de sentidos sobre a Amazônia: dos colonizadores aos tempos atuais”. In: AMARAL FILHO, Otacílio; CASTRO-HORÁCIO, Fábio; SEIXAS, Netília. *Pesquisa em Comunicação na Amazônia*. Belém: FADESP, 2010.

TOTH, Janderson; MENDES, Viktor. “Monitorando memes em mídias sociais”. In: STABILE, Max; SILVA, Tarcízio. *Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações*. São Paulo: Uva limão, 2016.